ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 39 (2023)

30 ANOS ANPEGE

DOI: 10.5418/RA2023.V19I39.17505

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 39 (2023) | e-issn: 1679-768x

A GEOGRAFIA HISTÓRICA E O SEU MÉTODO PARA A COMPREENSÃO DO URBANO

Entrevista com o professor
Pedro de Almeida Vasconcelos

ADÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Nascido em Recife em 1947, Pedro de Almeida Vasconcelos é o quinto de seis irmãos filhos de um almoxarife em uma fábrica têxtil de Recife e de uma diretora de uma escola primária do município de Olinda, onde todos estudaram. Para ajudar a família com as finanças, Pedro Vasconcelos trabalhou como *office boy* no *Citybank* aos 14 anos, o que o levou a estudar no período noturno. Fez o secundário (correspondente ao Ensino Médio) no Ginásio de São Bento e no Colégio Estadual de Pernambuco. O curso de Geografia foi realizado na Universidade Católica de Pernambuco (1966-1996) e o próprio Manuel Correia foi o incentivador para que Pedro fosse estudar no exterior.

Tendo conseguido uma bolsa do Consulado belga, Pedro fez o Mestrado em *Urbanisme et Aménagement du Territoire* (1970-1973) na *Université de Louvain*, Bélgica. Após o Mestrado, já casado, rumou para Salvador e foi trabalhar na Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (Conder), começando como técnico até assumir cargos de Diretor Superintendente (1975-1979) e de Assessor da Diretoria. Fez curso de especialização na *Carleton University* em Ottawa, Canadá, e o doutorado em Geografia (Ph.D) na *Université d´Ottawa* (1982-1985). Ao retornar ao Brasil, colaborou com o Mestrado em Arquitetura da UFBA.

Em 1986, Pedro Vasconcelos fez o Concurso de Professor Titular em Geografia na UFBA, que contou com Manuel Correia, Milton Santos e Sylvio Bandeira na banca. Concursado, teve a primeira bolsa de pesquisador do CNPq aprovada em 1987. Em seguida, realizou o estágio Pós-Doutoral na *Université de Paris 6 – Sorbonne* (1994-1998), sob a supervisão de Paul Claval.

Pedro Vasconcelos lidera o Grupo de Pesquisa “Salvador: transformações e Permanências”, criado em 2001, ano em que atingiu o nível 1-A do CNPq. Faz parte do Grupo de Estudos Urbanos desde 2004. Foi professor convidado no Institut d´Urbanisme de Paris (1988), na Universidad de Barcelona (2001) e na Université de Paris 8 (2004). Foi membro da Comissão de Geografia na Capes (1999-2002) e representante da Geografia Humana no CNPq (2002-2005). Foi homenageado no Simpurb de Fortaleza em 2015 e no Enanpege na USP em 2019. Recebeu o Prêmio da Fapesb em 2017 e foi admitido na Academia de Ciências da Bahia em 2018. Publicou os livros *Dois séculos do pensamento sobre a cidade* (1999; 2012), *Salvador: transformações e permanências* (2002; 2016), com versão em francês (2005), e *O universo conceitual de Milton Santos* (2020) e participou da organização de mais dois livros. Atualmente é Professor Colaborador do PPGG da UFBA e Professor Permanente do PPGTAS da UCSAL.

Com essa trajetória irretocável, entrevistamos o professor Pedro Vasconcelos e recebemos uma aula de Geografia!

A.F.O. – **Professor, na sua trajetória de pesquisador o senhor se dedicou a compreender o urbano, as relações étnico-raciais e o pensamento de Milton Santos. O que o senhor tem a dizer sobre isso? Esses temas possuem complementariedade?**

De fato, minhas principais pesquisas depois do doutorado foram: a primeira, sobre a evolução do pensamento sobre a cidade, realizada no pós-doutorado, e que resultou no livro *Dois séculos* (617 p.). A segunda, e mais longa pesquisa, com bolsas do CNPq, foi sobre a Geografia Histórica de Salvador, que resultou nos dois livros sobre a cidade (um em português com 569 páginas e um em francês com 301 páginas). A primeira pesquisa, portanto, foi mais sobre as teorias sobre a cidade, inclusive extrapolando a análise dos autores da nossa disciplina, e na segunda eu concebi um método para realizar o exame da cidade de Salvador na longa duração (1549-1999). A convergência entre as duas pesquisas está na temática urbana, havendo, portanto, complementariedade entre ambas.

Quanto ao livro sobre Milton Santos, ele não estava previsto nos meus projetos de pesquisa para o CNPq. Ele resultou de dois textos que eu tinha publicado, o primeiro na revista *Afro-Ásia* (2001), com o título "Milton Santos: geógrafo e cidadão do mundo (1926-2001)", e o segundo na publicação inglesa *Geographers Biobibliographical Studies* (2019), intitulado "Milton Almeida dos Santos (1926-2001)". Este último foi, em seguida, ampliado por sugestão do colega Paulo Cesar Gomes, da UFRJ, e resultou na publicação do livro *O universo conceitual de Milton Santos*, com 216 páginas, voltado sobretudo para os estudantes da Geografia.

Quando fui solicitado pelo historiador João Reis para escrever o artigo em homenagem a Milton Santos, no ano do seu falecimento, ele pediu que destacasse a questão do negro, tendo em vista a linha da revista. Para tanto, incluí no artigo os comentários do livro *Marianne em Preto e Branco* (1961), quando ele escreveu relatos de sua estadia na França e publicou seis pequenos capítulos sobre as visitas realizadas em países africanos. Entre as entrevistas de Milton Santos destaquei a dada ao jornal *Folha de S. Paulo*, em maio de 2000, com o título "Ética enviesada na sociedade branca desvia enfretamento do problema negro". Também coloquei como anexo a interessante reportagem enviada de Dakar para o jornal *A Tarde*, de Salvador, em 1962, com o título "Nossos irmãos africanos".

Quanto à temática étnico-racial, para participar da banca de doutorado de Andrelino de Oliveira Campos, em 2006[1], a convite de Marcelo Lopes de Souza, eu fiz uma ampla revisão da literatura sobre a questão racial no Brasil, que juntamente com minhas pesquisas sobre Salvador resultaram em dois textos publicados na revista *Biblio 3W*, da Universidad de Barcelona, no ano seguinte[2].

1 A tese de Andrelino teve o título de "O planejamento urbano e a invisibilidade dos afrodescendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal, segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro".

2 Os dois artigos tiveram os títulos seguintes: "O debate sobre a questão racial no Brasil urbano: passado, presente e futuro" e "Complexidade histórica e questões raciais em Salvador, Bahia".

A.F.O. – **É possível se perceber um viés que articula o conjunto de sua obra: a preocupação em dar evidência ao método. Como o senhor compreende a questão do método?**

Tive que trabalhar na questão do método na minha pesquisa sobre Geografia Histórica, na medida em que não tenho a formação de historiador. A revisão da literatura internacional sobre a Geografia Histórica Urbana não me ajudou muito, pois o enfoque dominante era o da morfologia urbana. Finalmente, para estruturar meu livro, criei uma metodologia original, que parte do estabelecimento de uma periodização da longa duração para cada cidade, seguido pela discussão dos contextos de cada período, em diferentes escalas, continuando pela definição dos principais agentes sociais que atuaram na cidade ao longo do tempo, e concluindo com as principais transformações espaciais na cidade[3].

Um dos principais resultados da aplicação do método proposto foi o fato de, a partir da divisão do território urbano em paróquias e distritos, poder examinar as transformações ocorridas nas diferentes partes da cidade ao longo do tempo, não apenas nas áreas centrais (que correspondem à cidade histórica), mas também nas demais partes componentes do conjunto urbano. Isso permite ao leitor examinar as transformações ocorridas em uma determinada parte da cidade ao longo do tempo. Eu não conheço nenhum estudo de outra cidade, na perspectiva da longa duração, que examine as diferentes partes da cidade ao longo do tempo. O método proposto também permite o exame de cada agente social em cada período na longa duração, cuja importância na estruturação da cidade também varia, como, por exemplo, o papel do Estado ou a Igreja.

A.F.O. – **O senhor é um dos principais expoentes da Geografia Histórica no Brasil. Conte-nos a história dessa perspectiva e a sua importância para a compreensão do fenômeno geográfico.**

Um dos pioneiros e certamente o mais importante pesquisador da Geografia Histórica no Brasil foi Mauricio Abreu (1948-2011), que realizou longas pesquisas em arquivos no Brasil, em Portugal e no Vaticano; criou um núcleo de pesquisas na UFRJ, com a participação de vários orientandos; montou um banco de dados; criou uma disciplina que fazia um elo entre pesquisa e ensino; apresentou trabalhos em eventos nacionais e internacionais; publicou dezenas de artigos e capítulos de livros; e, sobretudo, elaborou, ao longo de 15 anos, sua minuciosa pesquisa que resultou na obra magna, a *Geografia histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*, em dois volumes, com um total de 904 páginas.

Para pesquisar a Geografia Histórica, portanto, é preciso ter muita paciência para realizar um trabalho longo, cujos resultados em relatórios, artigos, livros e capítulos de livros necessitam de um tempo maior para realizá-lo, o que conflita com as necessidades dos Programas de Pós-Graduação de apresentar um quantitativo de publicações,

3 Capítulo publicado com o título de “Questões metodológicas na Geografia urbana histórica” (1999) e republicada como artigo com o mesmo título em 2009.

sobretudo artigos em revistas de alta qualificação nos seus relatórios para as avaliações realizadas pela Capes.

Em uma tentativa de teorizar na Geografia Histórica, eu propus a noção de "tempos densos" para os períodos em que temos muitas informações escritas e cartográficas, como, por exemplo, quando acontece uma grande ruptura, como a da invasão e ocupação da cidade de Salvador entre 1624 e 1625, enquanto há longos períodos, que denominei "hiatos temporais", em que não ocorrem eventos importantes e o registro fica limitado às atividades do cotidiano, a partir do exame de longos documentos administrativos, de difícil leitura, que informam, sobretudo, de demandas de funcionários que solicitam promoções, de retorno para Portugal etc. Volumes longos como, por exemplo, as Atas das Câmaras de Salvador, com mais de 500 páginas cada exemplar, ou das Cartas do Senado, ou ainda das Ordens Régias.

Mas nesse trabalho de "garimpagem" às vezes encontramos informações preciosas que poderiam passar despercebidas. Como exemplo, como nas cidades mineiras foi proibida pela Coroa portuguesa a construção de conventos para evitar contrabando (o que muda a paisagem urbana), os franciscanos da Bahia, no século XVIII, conseguiram autorização para pedir esmolas na região. Resultado, em longos períodos de crise na produção açucareira, a igreja franciscana de Salvador é a que tem a mais rica decoração barroca no seu interior, totalmente coberta de ouro.

Os Grupos de Trabalho na Geografia Histórica, tanto nos encontros da Anpege como nos Simpurbs, contam entre seus coordenadores com os colegas Doralice Satyro Dias (UFPB), Glauco Bruce Rodrigues (UFF), Maria Isabel Chrysostomo (UFV), Marcelo Werner da Silva (UFF) e Eneida Maria de Souza Mendonça (UFES), e contam, sobretudo, com os novos pesquisadores que serão responsáveis pela continuidade do nosso campo de estudos.

A.F.O. – **Os processos de revisão nos paradigmas geográficos foram sempre refratários às demais Ciências Humanas, especialmente à História. Por que tem sido assim?**

A nossa disciplina foi atacada no início do século XX pelos avanços da Sociologia durkheimiana, com a proposta da Morfologia Social de abranger os estudos geográficos. O nosso principal defensor, que contou também com a resistência da corporação, foi o historiador Lucien Febvre, que escreveu o livro *La Terre et l´évolution humaine*, de 1922, quando procurou diferenciar as noções de "determinismo" do "possibilismo".

De fato, a aliança era antiga entre os membros das duas disciplinas. Os livros de História, sobretudo na França, começavam com um "quadro geográfico", como o famoso *Tableau de la géographie de la France*, escrito por Paul Vidal de la Blache, publicado em 1903 como introdução do livro *Histoire de France*, de Ernest Lavisse. Assim como la Blache, Manuel Correia de Andrade também foi formado em ambas as disciplinas em

1947, e publicava livros voltados para os historiadores como livros específicos para os geógrafos[4].

Porém, a Geografia, em seguida, passou a ser criticada por autores de outras disciplinas, como o sociólogo Pierre Bourdieu, que no livro *Homo academicus*, de 1984 (p. 144), escreveu:

> Au sein du secteur le plus universitaire [...], les príncipes de hiérarchisation sont purement universitaires, et la hiérarchie correspond simplement à la hiérarchie des âges mais aussi des titres rares [...] et des disciplines, avec au sommet la philosophie et les lettres classiques et au plus bas la géographie[5].

E mais grave ainda, o historiador François Dosse, no livro *História do Estruturalismo*, escreveu o capítulo "A convidada de última hora: a Geografia desperta para a epistemologia", com subtítulos como "O longo sono de uma disciplina sem objeto" e frases como "[...] um saber geográfico que se mantinha muito regional, periférico, senão menosprezado no universo intelectual e universitário dos anos 60"[6], embora o autor tenha, em seguida, elogiado o "excelente artigo de Lacoste [...]"[7], publicado em 1973, assim como a revista *Hérodote*, e os jovens geógrafos que criaram a revista *Espacestemps* em 1975.

No Brasil, o ataque à Geografia Clássica veio tanto da Geografia Quantitativa, na busca de uma disciplina científica, mas sobretudo da Geografia Crítica, com forte influência marxista, que passou a ser o paradigma dominante após a reunião da AGB em 1972 e com o retorno de Milton Santos ao Brasil.

Porém, atualmente, com o crescimento de temáticas como as questões ambientais e, sobretudo, das questões identitárias, novos temas apareceram, sem vínculos com o paradigma dominante, porém não se preocupam também com o conjunto da disciplina. Além das questões identitárias, emergem discussões sobre a "decolonialidade" como crítica ao capitalismo neoliberal.

A.F.O. – **O Censo Demográfico de 2022 traz resultados surpreendentes que apontam a consolidação de uma nova configuração socioterritorial no Brasil, dando destaque às cidades médias especialmente no interior (do litoral) e no sertão (centro-norte amazônico). Como especialista em Geografia Urbana, como o senhor explica isso?**

Considero que ainda é muito cedo para entender as transformações recentes registradas pelo Censo de 2022. Salvador é um dos casos mais destacados com a estimativa de uma perda de quase 10% da população. Uma resposta poderia ser o "transbordamento"

4 Como por exemplo o livro *Paisagens e problemas do Brasil* (1968) e *A Revolução de 30: da República Velha ao Estado Novo* (1988).

5 Tradução livre: "No sector mais académico [...], os princípios da hierarquia são puramente acadêmicos, e a hierarquia corresponde simplesmente à hierarquia das idades, mas também dos títulos raros [...] e das disciplinas, com a filosofia e as letras clássicas no topo e no mais baixo a geografia".

6 DOSSE, 1994, p. 348.

7 *Ibid*., p. 351.

da população e das atividades da metrópole para os municípios vizinhos, pois as divisões territoriais não impedem o crescimento dos núcleos urbanos. Também é importante considerar as dimensões dos municípios. O exemplo de Recife é bastante claro: o município tem apenas cerca de 100 km^2, totalmente ocupado por uma população acima de um milhão de habitantes (daí a importância dos municípios vizinhos como Olinda, Jaboatão etc.). Já Salvador tem um território municipal de 300 km^2, ou seja, ainda tem espaço para ser ocupado e só recentemente começou a "transbordar" para o município vizinho de Lauro de Freitas. Outro fator a ser considerado foi a epidemia da Covid. Quantas famílias se mudaram e (e permaneceram) para a longa orla atlântica ao norte de Salvador, com a possibilidade de morar em uma residência unidomiciliar e trabalhar em *home office*? Uma pesquisa nessa temática seria muito importante.

A.F.O. – **Professor, o senhor é também um especialista sobre a obra de Milton Santos, um dos intelectuais brasileiros mais notórios no mundo e também um tanto controverso no ambiente acadêmico nacional. A notoriedade internacional de Milton Santos não lhe poupa de críticas, contestações e rejeições na academia geográfica brasileira. Por que isso acontece? Em sua leitura, quem foi Milton Santos?**

De fato, eu não sou especialista em Milton Santos. Foi a partir da solicitação do colega historiador para publicar um texto sobre a vida e a obra do autor, na respeitada revista *Afro-Ásia* no ano de seu falecimento (2001)[8], que procurei completar a leitura dos seus livros e textos, assim como das entrevistas dadas, e ainda dos textos escritos por colegas sobre o autor. Em seguida, tendo publicado um texto sobre Mauricio Abreu no número 35 da revista britânica *Geographers: Biobibliographical Studies* (2015), eu ampliei meu artigo original, dando ênfase aos conceitos utilizados, e publiquei no número 37 da mesma revista (2017). Em seguida, eu ampliei ainda mais este último texto, o que resultou no livro *O universo conceitual de Milton Santos*, escrito sobretudo para divulgar a utilização dos conceitos utilizados pelo autor entre os estudantes da Geografia, dando destaque aos textos mais antigos e aos escritos em francês, já que a juventude atual quase não lê mais nessa língua, diante da dominância da língua inglesa.

Por outro lado, reconheço que Milton Santos teve uma carreira excepcional, e ele mesmo declarou em uma entrevista que o afastamento do Brasil no exílio o obrigou a teorizar na nossa disciplina. Ou seja, ele não dispunha mais, na época, dos dados do IBGE, nem poderia realizar pesquisas de campo. Seus estudos sobre a Zona Cacaueira e sobre Salvador foram ampliados para a análise do Terceiro Mundo, e em seguida passaram a uma visão mundial, com a discussão inclusive do processo de globalização.

Sua discussão teórica de grande amplitude não escapou a críticas de colegas, primeiro porque há uma enorme diversidade de pensamento entre os geógrafos, e algumas proposições de Milton Santos foram criticadas, seja por questões ideológicas, ou mesmo no caso de algumas propostas específicas como a dos "espaços que mandam",

8 No último número foi publicada a excelente resenha do meu livro *O universo conceitual de Milton Santos*, escrita pelo colega da USP Fabio Contel, nas páginas 787 a 791, o que dá uma ideia do volume da referida revista.

que pode ser visto como uma metáfora, mas também pode ser lido como uma forma de transformar o espaço em um agente social.

A.F.O. – **Para finalizarmos, gostaríamos que o senhor nos dissesse como o senhor mapeia a Geografia brasileira hoje. Quem é quem em Geografia? Quais são as suas tendências, defendidas por quem? Como ler a Geografia frente à expansão significativa dos programas de pós-graduação nos últimos 25 anos?**

Essas questões são difíceis de serem respondidas, e certamente é impossível responder satisfatoriamente diante da atual dimensão da Geografia brasileira. Junto com a dimensão vem a diversidade. Além de mais de 70 programas de pós-graduação, nos eventos da Anpege teremos mais de 70 grupos de trabalho durante o evento, um indicador importante da fragmentação da nossa disciplina, o que dificulta o exame das tendências. Como exemplo, no Enanpege da USP foram lançados 99 livros (!). Fica, portanto, impossível acompanhar o que se produz na disciplina, tanto em artigos como em livros, em papel ou eletrônicos. Fica também a questão: quem lê nossos textos? Sobretudo os livros mais volumosos em um tempo em que as preferências vão ao acesso às informações curtas, rápidas e fragmentadas, disponíveis na Internet[9]

Outra questão inclui também a divisão epistemológica entre a Geografia Humana e a Geografia Física. Porém, o mesmo ocorre nas temáticas próximas, pois quem faz Geografia Urbana, em princípio, não lê os textos dos colegas da Geografia Agrária, e vice-versa. Apenas alguns textos, sobretudo de autores falecidos, acredito que continuam sendo lidos, como os de Carlos Augusto, Manuel Correia, Mauricio Abreu, Milton Santos, entre outros.

Uma tentativa de dar visão dos autores que tratam de diversos temas no conjunto da Geografia brasileira no momento presente pode ser observada a partir do livro *Brazilian Geography*[10], lançado no Congresso da UGI em Paris no ano passado, para divulgar a nossa produção com textos em língua inglesa. Em ordem de apresentação os textos foram escritos por Alexandrina L. Conceição e Sócrates Menezes; Marcelo L. de Souza; Manoel F. Sousa Neto; Ruy Moreira; Dirce M. A. Suertegaray; Pedro A. Vasconcelos; Ana Fani A. Carlos; Adriana Dorfman e Lício C. R. Monteiro; Tadeu A. Arrais; Ângela M. Katuta e Maria A. M. de Albuquerque; Mónica Arroyo e Fabio B. Contel; Francisco Mendonça; Antonio C. Vitte e Rafaela Soares; Arlete M. Rodrigues; Ariovaldo U. de Oliveira; Bernardo M. Fernandes; Márcia Y. Mizusaki e José G. de Souza; Antonio Thomaz Jr.; Carlos W. Porto-Gonçalves; Rogério Haesbaert; Joseli M. Silva e Marcio J. Ornat; e Charlles F. Antunes e Paulo Alentejano. É claro que um livro com 23 capítulos e 427 páginas não pode cobrir nem todas as temáticas atuais nem todos os colegas que produzem textos de qualidade, como, por exemplo, no caso da Geografia Urbana, Angelo Serpa, Maria E. B. Sposito, Paulo C. C. Gomes, Roberto L. Correa, Saint-Clair Trindade Jr., Sandra

9 Deve ser destacada a recente iniciativa do colega Roberto Lobato Correia, que está utilizando o *podcast* para divulgar temas importantes da nossa disciplina.

10 LOIS G., R.; MITIDIERO Jr. ; M. A. (ed.). *Brazilian Geography.* Singapore: Springer, 2020.

Lencioni, entre outros, autores importantes na nossa disciplina, e que não estão incluídos no referido livro.

Os 22 temas no mesmo livro vão desde capítulos que tratam das diferentes geografias, desde as tradicionais Geografia Física, Geografia Urbana, Geografia Política, Geografia do Trabalho e o Ensino da Geografia, como de questões mais amplas ou mais novos temas como a Geografia Crítica, a Geografia Urbana e Geografia Crítica, a Geografia dos Povos Indígenas e a Geografia Feminista. A Geografia Agrária é representada com textos sobre o MST e os Movimentos Camponeses. A questão ambiental é discutida com o tema do Meio Natural e Capitaloceno, assim como o Ambientalismo Popular. Outros temas vão da Habitação ao Neoliberalismo, e à Decolonização e à discussão entre Geografia e Geograficidade. Três geógrafos foram homenageados com capítulos específicos: Milton Santos, Carlos Augusto e Aziz Ab´Saber. A perspectiva histórica é coberta por capítulo sobre a formação territorial brasileira. O último capítulo é sobre a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Também, no caso dos temas, outros subcampos importantes não foram representados como a Geografia Cultural, a Geografia Econômica, entre outras

Para concluir, retomo o título do capítulo escrito por Mauricio Abreu no livro *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*, publicado em 1996, “Sobre Milton Santos e sobre a crescente auto-estima da Geografia brasileira”, e adiciono trecho do início do meu artigo de 2001, retomado no livro de 2020: “[...] Porém, Milton conseguiu levantar a autoestima dos negros, na medida em que se destacou como intelectual; como nordestino, impôs-se como Professor Titular da maior universidade brasileira [...]; e como geógrafo, teve o reconhecimento internacional com o recebimento do Prêmio Internacional de Geografia Vautrin-Lud [...]”. A referência a esses dois grandes geógrafos brasileiros, assim como aos autores e temas mencionados, confirma que a Geografia brasileira hoje tem uma dimensão e um dinamismo, sobretudo nos seus programas de pós-graduação, que não têm um maior reconhecimento internacional, devido aos limites da difusão da língua portuguesa, porém a nossa se elevou, tendo em vista a “virada espacial” que passou a destacar a nossa disciplina entre as demais Ciências Sociais.

SOBRE OS AUTORES

Entrevistado:

PEDRO DE ALMEIDA VASCONCELOS – Graduado em Geografia pela Universidade Católica de Pernambuco (1969), com mestrado em Urbanisme et Aménagement du Territoire - pela Université Catholique de Louvain (1973), Ph.D em Geografia pela Université d´Ottawa (1985) e pós-doutoramento na Université de Paris IV - Sorbonne (1994-1995). Professor Titular em Geografia da Universidade Federal da Bahia, concursado (1986). Atualmente é professor do quadro permanente da Universidade Católica de Salvador, atuando no Programa de Pós-Graduação Território, Ambiente e Sociedade, e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Pesquisador CNPq 1-D (1-A de 2001 a 2021). É líder do Grupo de Pesquisa Salvador: transformações e permanências e outros estudos, desde 2001. É membro do Grupo de Estudos Urbanos (GEU) desde 2004. É sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Foi professor convidado no Institut d´Urbanisme de Paris (1988), na Universidad de Barcelona (2001) e na Université de Paris 8 (2004). Foi membro da Comissão de Assessoramento da Capes (Geografia, 1999-2002) e representante da Geografia Humana no Comitê Assessor do CNPq (2002-2005). Recebeu o título de Cidadão da Cidade do Salvador da Câmara Municipal da Cidade de Salvador (2014); foi homenageado no XIV Simpósio Nacional de Geografia Urbana, UFCE, Fortaleza (2015); recebeu o Prêmio Roberto Santos de Mérito Científico da Fundação de Amparo a Pesquisa da Bahia - FAPESB (2017); foi admitido como Membro Titular da Academia de Ciências da Bahia (2018) e foi homenageado no XIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, na USP, São Paulo (2019). Publicou e organizou os seguintes livros: Dois séculos de pensamento sobre a cidade [1999; 2012]; Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira (em conjunto com S.B.M. e Silva) [1999]; Salvador: transformações e permanências (1549-1999 [2002; 2016]; Salvador de Bahia (Brésil) Transformations et permanences (1549-2004 [2005]; A Cidade Contemporânea: segregação espacial (com R.L.Corrêa e S. Pintaudi) [2013]; e O Universo Conceitual de Milton Santos (2020). Atua na área de Geografia Histórica, Geografia Urbana e do Urbanismo, principalmente nos seguintes temas: teorias sobre cidades; Salvador, trabalho informal.

E-mail: pavascon@uol.com.br

Entrevistador:

ADÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA – **D**outor em Geografia (IESA/UFG, 2011) e Pós-Doutor em Geografia por esse mesmo instituto (2021). Mestre em Sociologia (DCS/UFG, 2002). Graduado em História (FCHF/UFG. 1996). É o atual presidente da ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Foi Secretário de Educação, Juventude e Esportes do Tocantins em 2015 e 2016, tendo acumulado o cargo de Secretário de Estado da Cultura do Tocantins. Designado pela Portaria Nº 66 da Presidência da República, de 01/12/2022, como membro da Equipe de Transição

do Governo Federal (2023-2026) e pelo Decreto Nº 5.148 do Governo do Tocantins, de 14/11/2014, como membro da Equipe de Transição do Governo Estadual (2015-2018). É Professor da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFT de Porto Nacional. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFT em 2014-2015 e em 2021-2022. Na UFT, foi Diretor de Pesquisa (2012), Assessor de Relações Institucionais da Reitoria de junho de 2012 a agosto de 2014 e também Chefe de Gabinete em Exercício. Foi professor da Unitins (abril de 2008 a julho de 2010), onde ocupou os cargos de Diretor de Pesquisa Institucional e Assessor de Pós-Graduação. Em Goiás, foi professor da UEG entre 2000 e 2007. É sócio correspondente do IHGG - Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Tem experiência nas áreas de Geografia Urbana e Regional e Sociologia Urbana, atuando principalmente nos temas de Planejamento e Gestão do Território e de Desenvolvimento da Educação. É pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Observatório das Metrópoles - núcleo Goiânia desde 2002; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Espaço, Sujeito e Existência “Dona Alzira” e coordenador do OPTE - Observatório de Políticas Territoriais e Educacionais.

E-mail: adaofrancisco@gmail.com